

CHARGES: UMA PRÁTICA COTIDIANA NO JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE DURANTE A DÉCADA DE 1980.

BRILHANTE, Matilde de Lima /UECE

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se a utilização das charges publicadas no periódico cearense Diário do Nordeste durante a década de 1980 como objeto passível de leituras, considerando a perspectiva da história cultural. Compreendemos a charge como um texto jornalístico, um tipo de comunicação visual socialmente aceita, na qual uma idéia e/ou um acontecimento é analisado e transmitido com expressões risíveis e pretende ser veiculado a um grande público leitor. Durante o período estudado, o que corresponde à primeira década de circulação do jornal, as charges construíram um espaço de atuação, veiculando as representações sobre as matérias que ganharam destaques nas páginas do Diário. Assim, propomos uma análise da imagem, do então presidente, José Sarney.

PALAVRAS-CHAVES: Charge; Representação; Espaço; História Cultural.

ABSTRACT

This article utilize the cartoons published in the journal Diário do Nordeste during 1980 decade like object passible from reading, considering the cultural history perspective. We understand the cartoon like a journalistic text, a visual communication style socially accepted, where an idea and/or an event is analyzed and transmitted with laughable expressions and intend to be communicated at a big reader public. During the period studied, which corresponds at the first decade from journal circulation, the cartoons constructed an actuation space, divulging the representations about the news that earned prominence in Diário's page.

KEY WORDS: Cartoon; Representation; Space; Cultural History

Compreendemos a charge como um texto jornalístico, um tipo de comunicação visual socialmente aceita, na qual uma idéia e/ou um acontecimento é analisado e transmitido com expressões risíveis e pretende ser veiculado ao grande público. Seus principais meios de publicações são jornais impressos e revistas, que trabalham com assuntos do cotidiano; seja nos aspectos político, econômico, sociais ou outros. Contudo, essa manifestação da caricatura, mais que uma expressão artística, é uma ilustração do momento vivido, pois as informações nela representadas, frequentemente, dizem respeito às notícias que estão em voga.

A charge constitui uma unidade de significados a respeito do contexto em que foi produzida. Não queremos atribuí-la a característica de cópia fiel da realidade, mas acreditamos que ela é uma construção que se realiza a partir desse real¹, como também

¹ Real e Realidade, aqui, empregamos no sentido de contextualização histórica.

evidencia perspectivas da sociedade. Isso, porque, ela pertence a um tempo e um espaço determinado. Sobre isso, Onici Flores comenta:

A importância da charge enquanto texto decorre não só do seu valor como documento histórico, como repositório das forças ideológicas em ação, mas, também, como espelho de imaginário de época e como corrente de comunicação sublimar, que ao mesmo tempo projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vista, ideologia em circulação².

A utilização de desenhos humorísticos pelo jornal Diário do Nordeste durante sua primeira década de circulação não pode ser compreendida se limitarmos essa criação artística ao entretenimento ou a simples ilustração cômica de uma notícia. O que havia de significativo nestes desenhos era a representação, ou melhor, eram as representações construídas por um grupo de profissionais sobre a sociedade a que pertenciam. Portanto a charge será analisada, aqui, enquanto possibilidade diária de comunicação.

O Diário do Nordeste, fundado em 19 de dezembro de 1981 pelo grupo Edson Queiroz e tendo a Verdes Mares como editora, vem sendo desde então um dos jornais de destaque no Estado do Ceará. Na década de 1980, destacava-se com matérias de conteúdos nacional e estadual. Não possuindo um número fixo de cadernos nem páginas, suas reportagens estavam divididas basicamente em chamadas, opinião, política, Brasília, nacional e internacional, bairro, cidade, economia, polícia, roteiro, sociedade, passatempo, televisão, variedades, classificados, esporte e cultura.

Os desenhos humorísticos faziam-se presentes no jornal através de charges, caricaturas e histórias em quadrinho de humor. O que demonstra o interesse da linha editorial pelo uso imagético do humor. No entanto, visualizamos dois momentos distintos quanto à publicação dessas imagens³, sendo que no segundo momento, a partir de 1986, os conteúdos voltaram-se mais para os temas da política.

As charges eram publicadas cotidianamente, do lado direito, no alto da segunda página com variações de tamanho. Estavam inseridas na página de opinião, tornando perceptível a subjetividade de tal produção. Posteriormente, elas também poderiam aparecer no terceiro caderno, de modo geral, representando temas ligados a notícias sobre

² FLORES, Onici. **A leitura da charge**. Eanoas: Ed. ULBRA, 2002. p. 10.

³ O primeiro momento corresponde ao período que vai de 1981 até 1985 quando as temáticas abordadas pelas charges referem-se mais a saúde, economia, comportamento, dentre outros e, posteriormente visualizamos um aumento das questões políticas. O que não significa dizer que nesse primeiro momento não tivéssemos charges relacionadas à política institucional.

economia nacional. Neste momento, a produção estava alternada entre charge e caricatura pessoal. As histórias em quadrinho de humor apareciam também no terceiro caderno, com grande variedade de temáticas, não estavam necessariamente ligadas a matérias do jornal.

Para esta pesquisa, os desenhos que nos interessam são os da segunda página do periódico pelo fato da edição ser de uma maior representatividade do contexto político e pela maior regularidade de publicação por estas apresentadas. Nem sempre se referiam a notícias do dia, de fato era muito comum as charges tratarem assuntos de dias ou meses anteriores, desde que fossem assuntos de grande destaque pela imprensa. O ineditismo poderia acontecer ou não, haja vista alguns exemplos de desenhos repetidos em intervalos de tempo curto, médio e longo. Assim, temos charges que foram reeditadas num período de uma semana, outras em alguns meses e, temos, ainda, duas que foram publicadas em 1984 e voltaram a ser publicadas em 1986.

A repetição não acontecia de forma aleatória, ela se fazia presente enquanto o assunto tratado ainda estava em voga. Conteúdos de grande repercussão, que sempre exploravam uma informação nova ou temas de interesse do leitor estavam propensos à reedição. Mas, a relevância das matérias e o interesse dos leitores não são suficientes para explicar a repetição destes trabalhos.

A representação gráfica que se colocava no lugar da idéia nesta produção também era portadora do simbólico; carregava sentidos que se faziam construir no meio social. Estamos utilizando a idéia de representação num sentido amplo, incluindo a sua capacidade de construir legitimidade cultural.

A idéia de representação nos ajuda a perceber a charge como expressão artística pautada na concepção de sociedade que seus autores possuem. Assim, Sandra Pensavento nos afirma.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.⁴

Se esses desenhos são produzidos por pessoas que pretendem explorar um determinado assunto, é provável que elas selecionem, pelo menos, o enfoque dado à notícia e, para isso, esses desenhistas possuem técnicas específicas de construção de

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 39.

imagem e texto. Neste caso, a leitura da charge torna-se, ainda mais, complexa. Onde nem sempre suas intenções são assimiladas pelo público leitor.

CONSTRUINDO UM ESPAÇO

O jornal Diário do Nordeste começa a circular no Estado do Ceará no dia 19 de dezembro de 1981. No primeiro dia de sua edição, não foi publicada nenhuma charge. No espaço⁵ ocupado posteriormente por esta arte, foram publicados comentários de congratulações à equipe organizadora do jornal. No dia seguinte (20 de dezembro) é publicada a primeira Charge do Diário, com um espaço ainda muito pequeno com relação ao que viria ocupar nos anos seguintes. Esta, desenhada por Glauco, referia-se a um programa do Governo Federal destinado aos trabalhadores prejudicados pela seca. Na cena aparecem dois homens conversando em um comércio, um deles (suposto dono do comércio), diz: SOU ALISTADO É NA EMERGENCIA. Aqui, aparece um questionamento com relação à posição social de algumas pessoas que estavam se beneficiando do programa sem a real necessidade.

Este primeiro trabalho foi impresso num espaço com 8,5 cm de comprimento por 10,5 cm de largura. Em 1982 esse espaço se ampliava gradativamente até chegar a um tamanho de 17 cm de comprimento por 10,5 cm de largura neste mesmo ano, prevalecendo o mesmo até o final da década, podendo variar entre dois e quatro centímetros.

Sua valorização foi resultado, também, da capacidade de conquistar o leitor, pois sem a legitimação de seu público, o jornal não teria motivos para ceder mais espaço a esta arte em um intervalo de tempo tão curto como este. Embora alguns leitores olhassem para os desenhos apenas como entretenimento, ou mesmo achassem que seu conteúdo continha críticas severas demais à situação econômica do país⁶ tal produção tornou-se cada vez mais presente nas leituras do jornal.

⁵ Para Michel de Certeau espaço é um lugar praticado. Afirma que, espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. É essa idéia de espaço que estamos adotando.

⁶ Estamos nos fundamentando em comentários dos leitores do jornal publicadas no caderno de opinião, referindo-se às charges do periódico.

Há um fato interessante a ser observado em tudo isso que nos faz compreender melhor esta prática. Estes desenhos passam de tímidas publicações à publicações legitimadas pelo público. Ou seja, adquiriu significado social e cultural.

Para reafirmar a conquista de espaço, do qual estamos falando, lembramos que entre 1981 e 1984, temos cinco edições do jornal nas quais não constam a publicação de charges. Foi neste primeiro momento que o formato do jornal estava se consolidando, então, não havia ainda uma definição sobre a real condição do humor de imagem e seu espaço no jornal.

Fazendo uma reflexão a partir das idéias de Certeau, vemos que o espaço é a utilização do lugar pelo (os) sujeito (os). Dar sentido; atribuir uma significação social é o diferencial entre lugar e espaço. Só podemos falar em espaços quando existe uma prática que, efetivamente vivenciada, transforma lugares. Apesar da brilhante argumentação do autor, ele pouco desenvolve as idéias que perpassam estes conceitos, como por exemplo, a prática, que é fundamental para compreensão dos usos do lugar.

A charge é um exemplo dessa prática que dá significado ao lugar, portanto, ela se constitui num espaço próprio. Sua significação, construída no meio social é acompanhada de valorização.

Se nas primeiras edições, o Diário do Nordeste dava pouco destaque a esta forma de comunicação visual (e em alguns números nem as publicou) e posteriormente ela assume uma posição de destaque no jornal, então, devemos admitir que seu espaço foi construído dentro e fora do jornal. Dentro porque a princípio não parecia que a linha editorial estivesse interessada na utilização deste recurso com a dimensão que assumiu, e fora porque estava sendo lida e comentada pelo público leitor.

É significativo o fato de a charge ser publicada na segunda página; no caderno de opinião. Devemos considerar que nas primeiras páginas estavam escritas as matérias/reportagens de maior destaque, as notícias de maior impacto, tanto a nível nacional quanto estadual, e como o desenho, de maneira geral, retratava uma destas matérias seria prudente inseri-lo num ambiente que proporcionasse ao leitor a assimilação da imagem com o contexto. E estava muito claro o caráter subjetivo da produção, quando em 22 de dezembro de 1981 é publicada a seguinte observação: “as opiniões assinadas não refletem obrigatoriamente o pensamento do jornal”. Para o jornal, a charge sendo a expressão de uma idéia pessoal – por isso era editada no caderno de opiniões – seu

conteúdo era de responsabilidade do produtor, no entanto, é pouco provável que os editores não interferissem num conteúdo que fosse contrário a sua linha de pensamento.

Neste ponto, como a produção do charge tinha uma linguagem mais específica, cheia de implícitos, as idéias se apresentavam de forma mais sutis, possibilitando ao autor maior liberdade no processo de criação. Então, era comum o uso de alguns elementos, como, por exemplo, a ironia, para que estes desenhos não fossem limitados a ilustração de uma matéria.

AS CHARGES E OS CHARGISTAS

Durante o período pesquisado, o jornal manteve cinco profissionais desenhando a charge principal, que era apresentada logo na segunda página.

A partir da fundação do periódico até março de 1983, Glauco era chargista exclusivo. A partir de então, Eris passa a alternar a produção com o primeiro. Em meados da década de 80 entra Mauricio Silva para a equipe. Sobre este não temos a data exata de quando começa a desenhar para o Diário, haja vista a falta dos exemplares do mesmo do ano de 1985. O fato é que a partir de 1986 seus trabalhos já estavam sendo publicados. Já em 1988, Hermínio Castelo Branco, o Mino, passa a fazer parte do grupo e no ano seguinte Meg.

Glauco possui o maior número de trabalhos publicados durante este período, para isso contribuiu o fato de que ele passou mais tempo desenhando para o jornal.

Todos eles utilizavam cenas desenvolvidas por conversação entre personagens, que poderia ser uma personalidade pública ou uma personagem imaginária. Os personagens mais presentes eram o nordestino, o grevista e o político.

Dentre os cartunistas citados, Mauricio Silva possuía um traço mais diferenciado, seus desenhos apresentavam formas e traços mais densos. Seus trabalhos eram facilmente reconhecidos, o próprio traçado causava uma desarmonia estética.

Com exceção de Glauco, os demais começam no jornal desenhando a charge ou caricatura do terceiro caderno e depois a principal. As datas mencionadas anteriormente referem-se ao início de seus trabalhos como charge principal. Em 1982 Mauricio Silva já desenha para o jornal, mas no terceiro caderno. Quando Mino entra para compor a equipe

de cartunistas do Diário, a informação é divulgada na primeira página e faz-se vários elogios a Mino, demonstrando empolgação do jornal com o “novo” cartunista, até porque ele era um nome de grande destaque no Ceará.

Glauco desenhava tanto com um traçado fino, sem muitos detalhes, como usando uma espécie de pintura; alguns de seus desenhos parecem ter sido pintados com a cor preta.

Estes profissionais usavam o humor de uma forma bem natural; apropriaram-se de situações cotidianas próximas ao leitor. É provável que alguns destes trabalhos tenham sido construídos observando as pessoas nas ruas ou imaginando como as pessoas reagiriam sob determinadas situações. Usava-se, desta forma, o que chamamos de humor cotidiano.

Humor cotidiano são as formas que as pessoas comuns usam no dia-a-dia, construindo ocasiões risíveis sem estarem preocupadas em provocar o riso. Não são construções pensadas sistematicamente, elas surgem naturalmente de situações comuns. Percebendo isso, os cartunistas transportaram essa idéia para sua arte, claro que havia uma metodologia por trás da criação. Não estamos, portanto, negando o caráter profissional da charge. É uma arte que exige a sensibilidade do autor em perceber a realidade e expressar suas análises de forma simples. Para torná-la acessível é imprescindível o conhecimento das formas de atuação das pessoas no meio social; imaginar os pensamentos do público.

SARNEY E A CRÔNICA HUMORÍSTICA

Durante o governo de José Sarney (1985 – 1990), os problemas com a economia continuavam. Neste contexto, foram lançados o Plano Cruzado II; Plano Bresser e o Plano Verão. Sem resultados positivos, o governo e os planos econômicos tornavam-se conteúdos freqüentes das charges. A partir de 1985, a política e os pacotes econômicos, lançados na pretensão de conter a crise, ganham preferências dos autores desta produção.

É certo que estas duas temáticas estavam muito ligadas entre si, não sendo possível apresentarmos um limite entre o político e o econômico em termos de classificação. Se antes desse período a política não tinha tanta visibilidade nas crônicas humanísticas do jornal, com a mudança de governo há uma ênfase no enfoque para os personagens da cena política. Dessa forma, as questões econômicas e sociais eram criticadas através, também, do governo. Por exemplo, durante o governo anterior os efeitos da crise econômica, eram em sua maioria associados ao departamento do planejamento econômico. A partir do

governo de Sarney, o presidente tornava-se tão responsável pela crise quanto seu ministério.

Com todas essas associações a imagem do presidente José Sarney passa a ser uma constante nas charges porque o público, também, estava interessado. Ter a possibilidade de revelar uma personalidade política como risível significava “culpá-lo” por decisões tidas como não acertadas ou ineficientes. Ou seja, havia algo a ser corrigido.

Frequentemente Sarney era apresentado ao público com uma aparência sorridente. Sua fisionomia estava menos relacionada a uma personalidade simpática que um cinismo disfarçado. Pois assim era representado na linguagem do humor gráfico, como se estivesse rindo da população, assumia a condição de inimigo do povo. Os cartunistas, a fim de salientar um aspecto moral do político, utilizavam-se de elementos da constituição física do personagem. O riso do presidente não era uma demonstração de felicidade espontânea, era uma expressão sarcástica e forçada / rígida.

Tal característica não foi percebida numa situação isolada, mas em várias ocasiões relacionadas aos mais diversos conteúdos. Além de apresentá-lo como um político que agia sem se preocupar com os seus representados, estes desenhos propunham a não confiança em suas atitudes.

A não confiança era recorrente ao governo como um todo, no entanto, com relação a pessoa do presidente colocava-se em questão as intencionalidades envolvendo suas decisões. Nesse sentido, não sabemos até que ponto a imagem publicada alcançava identificação com o público leitor do Diário. Por outro lado, esta foi construída a partir de uma realidade observada, ou seja, suas práticas políticas permitiram que fosse visto dessa maneira, e um fato pode ser útil na compreensão dessa imagem: são os inúmeros escândalos políticos denunciados durante seu mandato, relacionados a pessoas de sua equipe.

Partindo do princípio de que um fato isolado não explica um fenômeno, acreditamos que outras situações envolvendo o governo tenham sido colaboradoras nessa construção representativa.

Com relação à questão econômica, que acabou sendo o grande desafio desse governo, temos uma cobrança sendo realizada por intermédio destes desenhos, visando o controle inflacionário, a queda dos juros e a valorização da moeda. Havia uma cobrança, também, por parte da sociedade, sendo que a necessidade de encontrar saída para a crise causou uma instabilidade no governo que resultou em várias mudanças no ministério.

O que analisamos neste ponto é como o governo passa a ser pressionado a partir de uma situação de instabilidade, da qual ele é responsabilizado. A necessidade em conquistar credibilidade política acabava revelando a não passividade da sociedade durante esse período, portanto, havia uma tensão social, com cobranças de resultados do governo no combate a crise. Nesse ponto, a diferença entre Figueiredo e Sarney se faz perceber na responsabilização mais direta e constante do segundo, no que diz respeito aos problemas governamentais.

Durante os primeiros anos do governo de Sarney o jornal estava noticiando a discriminação que o Nordeste sofria por parte da união, ou seja, o Nordeste não recebia recursos necessários por parte da União. Como os assuntos de destaque e polêmicos eram utilizados pelos cartunistas para o desenvolvimento de suas crônicas, este tema servia de inspiração para muitos desenhos entre 1986 e 1987. O fato de o Diário mostrar a propensão em colocar em evidência esse conflito apresentando a região Nordeste como a grande prejudicado, diz muito sobre o “lugar social do jornal”.

Se o jornal foi fundado e circulava num Estado do Nordeste (Ceará), diante de uma discussão como esta, fica claro seu posicionamento. As charges buscavam ainda mais essa identificação. Entretanto, o que acontecia de uma forma geral era a defesa dos interesses de um grupo político, quando a falta de recursos era utilizada como justificativa para a não resolução de problemas do governo do Estado.

O discurso de discriminação do Nordeste estava relacionado ao pouco repasse financeiro da União para esses Estados. Através das charges, tal discurso se reafirmava deixando em evidência uma temática que foi explorada pelo jornal, não só nessa linguagem visual, mas também como matéria escrita de destaque, embora que com menos frequência. Em 10 de setembro de 1987 é publicada a seguinte matéria: “Acompanhado do ministério do interior, João Alves Filho, o Presidente do Banco do Nordeste, José Pereira e Silva, entregará ao presidente Sarney o estudo elaborado pelo Entene/BMB sobre o ‘balanço de recursos do Nordeste’. O documento revela o processo discriminatório que esta região tem sido vítima ao longo dos anos.”

Cabe ressaltar que esse discurso se intensifica num momento em que um novo grupo político assume o governo (no Ceará), preocupado em criar e manter uma imagem positiva diante da sociedade. Portanto, essa marginalização foi utilizada algumas vezes como justificativa de impossibilidade do Estado, ou seja, perpassava uma idéia de que o(s) Estado(s) não consegue realizar seus projetos porque a União não repassa dinheiro

suficiente, o que acabou sendo favorável à classe política desta região. A materialização desta “marginalização” do Nordeste se fazia presente na pessoa/imagem de Sarney, tornando aparente a idéia de um político de pouca popularidade.

De acordo com a produção, o presidente teria conquistado pouca popularidade e credibilidade junto à sociedade, em decorrência das instabilidades de seu governo. Um elemento relevante na compreensão deste fato reside nas questões que envolvem a falta de confiança na classe política, tendo em vista o período ditatorial que antecedeu o governo de Sarney.

Seu posicionamento político, com relação ao texto da constituição brasileira que estava sendo votada em 1988, era visto com desconfiança. Sarney defendia um regime presidencialista em detrimento do parlamentarista; almejava uma votação favorável para um mandato presidencial de cinco anos invés de quatro. Verificamos, pois, duas situações em que há além do conflito político; uma situação que gera debates públicos, pois as pessoas se posicionavam diante do debate. Ambos os posicionamentos de Sarney representam posturas onde o maior beneficiado seria ele próprio. Em uma declaração publicada pelo Diário em 12 de dezembro de 1987, ele declara: “quem preferir quatro anos de mandato é meu inimigo”.

Essa postura política do presidente acabou se tornando alvo de críticas nas charges quando os autores perceberam que uma parte da população considerava os interesses de Sarney resultado de um “projeto pessoal”, onde ele seria o maior beneficiado com um mandato de cinco anos. Isso significa que as opiniões sobre os políticos desenvolvidas na época estavam intimamente associadas à idéia de não compromisso com os interesses coletivo.

Sarney, nas representações realizadas pelo Diário, constituía-se num político distante da sociedade civil, ou seja, os cinco anos de governo por ele reivindicado, era visto como possibilidade de um ano a mais para realizações particulares e não como possibilidade para desenvolvimento de projetos político-sociais.

As cenas apresentadas pela linguagem cômica são construídas a partir de técnicas e recursos específicos, integrando assim um “saber fazer” próprio. Essa prática vivenciada cotidianamente por profissionais, requer um conhecimento dos fatos contemporâneos, domínio da linguagem desta arte e muita criatividade.

É em torno de todas estas observações que visualizamos esta arte num campo simbólico, no qual tanto expressa as idéias do contexto em que foi criado como sutilmente tenta formar opiniões.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (coleção tópicos)

BREMMER, Jan & ROODENBERG, Herman (orgs). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

_____. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004 (coleção história)

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Cristina. **Questões de arte**: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético. São Paulo: Moderna, 1999. (coleção polêmica)

FLORES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1999.

KUPERMANN, Daniel. **Ousar rir**: humor, criação e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (sujeito e história)

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagem**. 2ª ed. Belo Horizonte: autêntica, 2003. (coleção História& ... Reflexões, 1)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica,2003. (coleção História &... Reflexões, 5)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Trabalhos científicos**: Organização, redação e apresentação. 2ª ed. Revisada e ampliada. Fortaleza: EDUECE, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Caminhos e descaminhos da história**. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: Ensaio de teoria e metodologia da história. Rio de Janeiro: Elsevier/ ed. Campus, 1997.